

**REVISTA
LATINOAMERICANA
DE PSICOPATOLOGIA
FUNDAMENTAL**

LONDRAVEM/UFSC

Revista Latinoamericana de Psicopatologia

Fundamental

ISSN: 1415-4714

psicopatologafundamental@uol.com.br

Associação Universitária de Pesquisa em

Psicopatologia Fundamental

Brasil

Kelner, Gilda; Barreto, Marcos; Quintas, Josélia; Andrade Filho, Manuel Caetano de
Catástrofe e representação no Grupo Balint

Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental, vol. III, núm. 1, 2000, pp. 47-61

Associação Universitária de Pesquisa em Psicopatologia Fundamental

São Paulo, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=233018232004>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

Rev. Latinoam. Psicopat. Fund., III, 1, 47-61

Catástrofe e representação no Grupo Balint

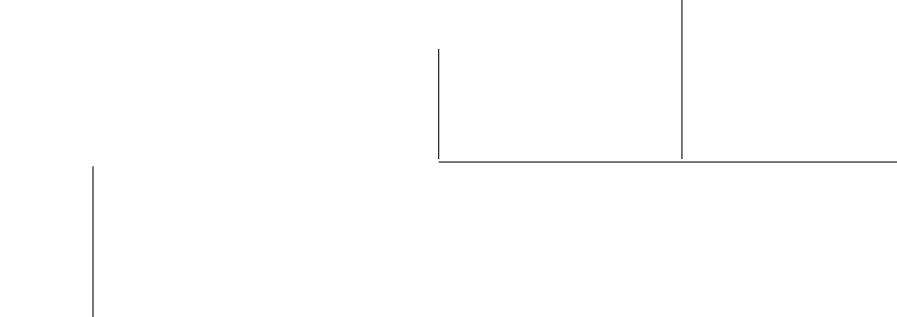
Gilda Kelner
Marcos Barreto
Josélia Quintas
Manuel Caetano de Andrade Filho

Descreve-se o seguimento de um paciente internado na UTI de um grande hospital de emergência, durante quarenta e dois dias, acompanhado no grupo BALINT.

Trata-se de um suicida pelo fogo, tendo tido 92% de sua superfície corporal comprometida.

Reflete-se sobre o grande sofrimento do paciente e da equipe e o suporte que o grupo pôde oferecer-lhes.

Palavras-chave: Psicanálise, castástrofe, representação, hospital



Pode-se conceber a representação sob três enfoques principais, de acordo com a filosofia clássica:

- representação como a idéia, no sentido geral; representar significaria ser aquilo com que se conhece alguma coisa;
- a representação no sentido de imagem; representar significaria, aqui, conhecer alguma coisa, após cujo conhecimento conhece-se outra;
- a representação como sendo o próprio objeto, e representar se entenderia, então, por causar o conhecimento do mesmo modo como o objeto causa o conhecimento.¹

A representação, para Freud², seria muito mais o que deste objeto viria a inscrever-se nos sistemas mnésicos, quer por meio de percepções visuais ou acústicas.

Freud introduziu também o termo representação-meta para exprimir o que orienta o curso dos pensamentos, tanto conscientes quanto inconscientes, que seria determinado por certas representações privilegiadas que exercem uma verdadeira atração sobre as outras representações.

Esta meta é a representação do desejo que provém da ausência de satisfação.

Dentro deste raciocínio, o que levaria um jovem de 25 anos a se ensopar de álcool e atear-se fogo, da mesma forma que sua mãe o fizera vinte anos antes?

A primeira notícia que me chegou deste jovem, que chamarei de Prometeu, foi pelo relato de um psiquiatra, o Dr. Niemeyer, recém-introduzido na vida do paciente, por interferência do pai, alcoolista e, ele próprio, em tratamento psiquiátrico há longo tempo.

1. N. Abbagnano. *Dicionário de filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

2. Cf. S. Freud. “Projeto de uma psicologia científica”, vol. I e “A interpretação dos sonhos”, vols. IV e V. ESB. Rio de Janeiro: Imago, 1972.

ARTIGOS

A queixa de Prometeu era de um grande vazio e da inquietação que lhe causavam as objeções do pai à namorada que seria prostituta e o impeliria à maconha e ao álcool. Referia-se a si próprio com o discurso do pai, que insistiu num tratamento psicofarmacológico. O Dr. Niemeyer colocou-se na posição de definir esta questão. Recusou-se a medicar um paciente que se excedia na bebida. O pai não gostou e foi, alcoolizado, levar o filho para a consulta seguinte. O psiquiatra coloca a questão dos limites na família e das posições dúbias, mal definidas. De sua parte, circunscreve exatamente suas funções e quais seriam as bases de um contrato, ou seja, só haveria um projeto terapêutico com ele se as partes cumprissem, cada uma, o seu papel, as suas responsabilidades. O psicoterapeuta de Prometeu é também informado do andamento do processo.

Alguns meses depois o Dr. Niemeyer foi, de urgência, chamado pelo psicoterapeuta para atender Prometeu. A preocupação era com a depressão, mas o psiquiatra detecta angústia como predominante no quadro. Foi medicado.

Dois meses depois, ocorreu a queimadura. Noventa e dois por cento da superfície corporal atingida! Lesões de segundo e terceiro graus: sobraram a sola dos pés, as palmas das mãos e umas ilhas isoladas de preservação...

Desenvolvimento do caso no grupo Balint do hospital onde Prometeu estava internado, na Unidade de Queimados

49

Hércules (cirurgião)

Estou diante de mais um enorme desafio. Um garoto de 25 anos tentou o suicídio e é a terceira geração de suicidas pelo fogo. A mãe faleceu após vinte dias de internamento e eu vou lutar. Parece que os familiares não acreditam na possibilidade de vida; é como se ele fosse ter o mesmo destino da mãe e da avó paterna. Eu soube que ele tentou apagar o fogo em torno da mãe, com apenas 5 anos de idade. Imaginem!

Psicóloga da Unidade de Queimados (UQ)

Ele está internado há 22 dias e evolui como um paciente que não estivesse tão grave. Fala da tristeza, busca momentos de felicidade na infância, do convívio familiar, numa pequena cidade do interior. Ele não admite que seu ato suicida pudesse levá-lo à morte. Pede ajuda, solicita sucos para sentir os sabores, pergunta como será sua vida sexual, já que os órgãos sexuais se queimaram. Em nenhum momento se reconhece com risco de morrer, embora venha morrendo um pouco a cada dia. Teve lesões na córnea, perdeu a visão do olho direito e vem piorando a acuidade visual do outro. Não faz referência espontânea ao fato. Quando indagado, diz que

vê vultos. O pai tem enorme dificuldade em visitá-lo. Entende minha argumentação que o filho precisa dele, mas tem suas próprias fragilidades. Curiosamente, cego, Prometeu diz que, a partir de agora, quer ver a vida de outra maneira. Os amigos que o visitam e a família estão esgotados, não conseguem mais participar desta caminhada. Por incrível que pareça, os exames laboratoriais estão bons, considerando a gravidade do caso.

Hércules (cirurgião)

A família me pressiona por uma definição de chances. Respondo-lhe que é diferente de ZERO. Ele saiu da insuficiência renal, a infecção está quase debelada, o sangramento digestivo cedeu, ele bate as broncas, tem força para viver. Essa semana ele me pediu desculpas, disse que estava arrependido e pediu meu investimento total. Vou lutar! Está começando a haver regeneração, aumentam as chances de áreas doadoras de pele para enxertos. Eu o fotografo diariamente, registro as melhorias. Se ele sair dessa, seu corpo vai virar uma colcha de retalhos. Ele não se desespera, apesar do sofrimento. Curativos diários, extensos, ele está imobilizado no leito, sem ver, sem se alimentar pela boca, é muito sofrimento. Mas ele quer viver, quer reparar muita coisa, até seu próprio ato suicida. Reclama delicadamente, se desculpa, agradece. É incrível para um paciente com estas condições. A família não agüenta vê-lo: fica esta contradição. Ele precisa da família, eles querem colaborar e não agüentam. A mesma coisa que aconteceu entre Prometeu e sua mãe; ele quis livrá-la do fogo e não conseguiu, não agüentou. Temos que lutar pelo momento, porque o depois... vocês nem podem imaginar! Sobre um paciente carioca com seqüelas semelhantes, me disse um grande cirurgião do Rio: como irá enfrentar a baixada fluminense? Nesta especialidade, temos que lutar pelo momento. Depois é depois... Eu tiro o depois da cabeça porque não posso desanimar.

[Eu (Gilda Kelner) penso no livro O equilibrista. E penso como a equipe investe maciçamente nele, como ele gostaria de ter feito com a mãe, para salvá-la]

Psicóloga

É certo que se destaque essa vontade de viver, mas ele se adapta demais à dor, ao sofrimento. Acho esquisito.

Médica da UTI

A angústia do meu colega cirurgião vai sendo adiada porque o processo não pode parar; se o paciente dá sinais de melhora e expressa vontade de viver, não se pode desistir. É uma arte disforme esta do cirurgião de queimados.

ARTIGOS

Hércules (cirurgião)

Eu não posso desistir por ele. Estamos juntos num só projeto.

Dr. Niemeyer (psiquiatra)

Para mim, durante o tratamento, no consultório, ele se mostrava sem saída, querendo morrer. É um paradoxo. Para esta equipe, ele se comporta lutando pela vida, depois de estar neste estado. Dois lados... Uma pessoa que não se revolta, a dor tem que ir para algum lugar! É uma coisa estranha, o que ouvi aqui, hoje, é como se já tivesse ouvido em algum lugar. Vocês sabem o que é uma surpresa de algo já sabido, na CARNE...?

Hércules (cirurgião)

Este paciente surpreende em tudo.

Psicóloga da UQ

51

O que acho mais incrível é, com essa extensão toda, com essa devastação toda, quase não se vê mais o corpo dele... e ele não se dá conta... chama a enfermeira para rezar com ele e pensa no futuro, nas relações sexuais...

Dr. Niemeyer

O cartão de visitas de Prometeu, elaborado pela família, me mostrou uma pessoa diferente daquela que esteve sentada diante de mim. Mas não detecto bem o substrato do paradoxo entre a auto-imagem e a imagem que a família fazia dele.

Gilda Kelner

A equipe também se surpreende com a pessoa que emerge daquele corpo disforme e destruído. E, contratransferencialmente, todos lutam, freneticamente, para salvá-lo, possivelmente repetindo seus esforços, aos cinco anos, tentando apagar o incêndio em que a mãe se imolou. O que poderemos resgatar desta memória e deste tempo?

Novo grupo Balint, uma semana depois

Psicóloga da UQ

A visão de Prometeu se deteriorou mais e, paralelamente, a vontade de viver e ver a vida com outro olhar foi substituída pela insuportabilidade da situação. Perguntei se estava desistindo. Respondeu que não tinha mais forças. Reafirmei que a gente não desistiria, estaria sempre ao seu lado. Penso que Prometeu fez um fechamento com esta conversa. É como se tivesse desistido, pedido para morrer. Quando passei ao cirurgião esta minha impressão, ele não acreditou. Pediu-me para rever minha posição de desistência. À noite, Prometeu passou a apresentar dificuldade respiratória e foi submetido a uma entubação endotraqueal; não pode falar enquanto entubado. Está sendo muito difícil para mim.

[Neste momento, Hércules, o cirurgião, que se atrasou para o grupo, porque estava fazendo o curativo de Prometeu, entra na sala, não tendo ouvido o relato da psicóloga e fala]:

52

Hércules (cirurgião)

A psicóloga veio com esta história de desistência. É que ele se alimentou, há três dias, antes de um curativo indispensável e não pôde ser anestesiado. Sentiu a DOR TOTAL, um curativo sem anestesia, e pediu: “me mate logo”. Depois a questão da cegueira, sobre a qual ele falou sem subterfúgios.

Psicóloga

Me dá a impressão que ele não tinha consciência, até então, do estrago que o corpo sofreu... agora, chegou ao limite da suportabilidade.

Hércules (cirurgião)

Só se passa a conhecer o limite se se consegue ultrapassá-lo. Eu e o clínico não desistimos. Hoje decidi entubá-lo; ele está com muita secreção e não consegue tossir. Afara isso, não se pode fazer fisioterapia, tapotagem, porque ele não tem pele, está todo queimado. Tiramos 80% de toda a necrose, por debridamento. Não acho que ele deva ser sedado de saída. Vamos ver quais serão suas solicitações, após este curativo, quando acordar da anestesia. Há muito riscos com a sedação.

ARTIGOS

Psicóloga

Em geral, os suicidas por fogo daqui da UQ têm um pai alcoolista. E o pai de Prometeu vem alcoolizado ao hospital. Está muito difícil para ele e para a família. Prometeu se queixava de um grande sentimento de solidão e de abandono.

Gilda Kelner

Quando ele diz “Me mate logo”, puxa alguém para ir junto no seu ato suicida. A mãe o incluiu no suicídio dela e ele não pôde fazer o esperado contraponto, a oposição ao ato.

Ele não tem pele para ser tocado e os cuidados se passam através de sondas em todos os lugares: vesical, nasogástrica, endotraqueal...

Fico pensando neste caminho do cirurgião, nesta força, neste movimento de tratar, passando por cima de tudo por um ideal... de vida? Um contraponto, de certa maneira, ao seu pai, ausente, omisso, puxando-o para uma fusão em que o lugar de Prometeu não era individualizado, os mesmos “remédios”, o mesmo álcool. A fusão agora era com o cirurgião, quando diz: “estamos juntos no mesmo barco, se a psicóloga desistir, eu não vou desistir”.

Um intervalo de vinte anos entre a queimadura de sua mãe e a de Prometeu.

Um intervalo de trinta dias entre a destruição quase total de seu corpo e sua percepção do estrago, depois de uma dor insuportável (curativo sem narcose), articulada com o sentimento de desistência, ou seja: o sentimento de existência confrontado com o sentimento de desistência.

O psiquiatra sentia necessidade de falar comigo, no intervalo entre os grupos Balint e me descrevia, com muita emoção, que era como se ele estivesse participando dos mecanismos fisiológicos que garantem a sobrevivência do paciente, a respiração, a circulação etc. E, durante os grupos, o Dr. Niemeyer fica muito vermelho e quente, a pele em brasa, tendo, numa das vezes, apresentado febre.

Questionou-se se o cirurgião estava indo longe demais, querendo que Prometeu pudesse renascer a partir das cinzas, como Fênix.

O psiquiatra argumenta que o que está sendo interpretado como desistência pode ser um pedido de ajuda, de mais ajuda.

Está havendo uma impossibilidade de decodificarmos seus símbolos, sabermos de que outras dores ele está procurando falar.

Por outro lado, há o direito de cada um de manifestar seu limiar de insuportabilidade.

Gagnebin comenta, estudando as confissões de Santo Agostinho: “... para poder descrever, pois, seus próprios atos, o espírito não pode se pensar a si mesmo como o palco, gigantesco e cambiante, de uma representação infinita, não se pode pensar

em termos de espaço e representação, mas deve, para se pensar a si mesmo, pensar simultaneamente o que está ‘além’ dele, o que, portanto, lhe escapa, o que ele não pode nem conter nem compreender”³.

Novo Grupo Balint, uma semana depois

Psicóloga da UQ

Da última vez, me senti desistindo. Vocês podem imaginar como está difícil para mim! Ele não vê, não pode falar, por causa do tubo, e eu preciso atendê-lo. Tento falar dos cuidados que todos estamos tendo com ele, da compreensão da difícil tolerabilidade para com esta situação tão medonha... Ele responde, ora balançando a cabeça, ora mexendo os olhos cegos. Dá uma pena enorme! Solicitamos pele de rã, pedimos ajuda da família para cobrir alguns custos que o hospital público não consegue arcar. Ele já fez o primeiro curativo com pele de rã e já tem uma área grande coberta. O cirurgião presta contas a Prometeu, etapa por etapa. Ele colabora, realmente não desistiu. A família acha que se trata apenas do prolongamento de um grande sofrimento. O cirurgião perguntou diretamente a Prometeu. Ele não quer desistir. O clínico está impressionado com alguns dados positivos – aumento de peso, maior cicatrização, está com condições de enxertia. Prometeu não entrou em desespero com a entubação, só depois daquele curativo nevrálgico.

54

Médica da UTI

Não sei onde Prometeu vai buscar forças para agüentar este sofrimento. Minha impressão é de que existe uma tentativa de reconstruí-lo, ponto por ponto. Cada minuto deve ser doloroso. Mas ele pensa em futuro... O futuro como possibilidade...

Outra psicóloga

Ele se entrega aos cuidados da equipe como um bebê, pedindo para ser cuidado. Os cuidados, o apego aos cuidados, representam suas chances de vida.

Gilda Kelner

Será que ele busca a reinserção na vida da mãe se destruindo e se reconstruindo a partir do que ele delega como representantes dela, dos cuidados maternos?

3. J.M. Gagnbin. “Dizer o tempo”, in *Sete aulas sobre linguagem, memória e história*. Rio de Janeiro: Imago, 1997.

O tempo passado e o tempo presente. O tempo inseparável na sua interioridade psíquica. Segundo Ricoeur, “... a especulação sobre o tempo é um matutar inconclusivo, ao qual só responde a atividade narradora”⁴.

Narramos para compreender Prometeu, mas sobretudo para nos compreendermos a nós mesmos.

Temos à nossa frente alguns tempos primordiais: o tempo do suicídio da avó paterna, o tempo do suicídio da mãe, o tempo do suicídio de Prometeu e o tempo que Prometeu ficou alienado do estrago de seu corpo. Pensar o tempo implica pensar na linguagem que diz dele e que nele se diz, a reflexão dos acontecimentos diante das variáveis tempo/espaço e dos vestígios, das inscrições, dos rastros que deixaram e das subseqüentes tentativas de dessubstancialização do tempo. Prometeu não achava que tinha tentado suicídio, mas não havia como apagar rastros tão evidentes.

Será que Prometeu caminhava numa trajetória que era muito mais de outros do que sua e tinha um corpo que era menos seu que de outros? E, destruindo-o, poderia renascer com um outro corpo, mutilado, mas predominantemente seu?

A psicóloga da UQ me contou que a avó materna de Prometeu morreu durante o parto de sua filha, mãe de Prometeu, que também não teve os cuidados maternos e, de certa maneira, contribuiu com a morte de sua mãe. Muitas catástrofes imbricadas.

O pai de Prometeu, por sua vez, não se configurava como um pai protetor. A mãe morta por vontade própria, sem poder ser interrompida, no seu ato, pelo filho, e um pai frágil, ausente, omisso, que só prometia a Prometeu a emergência, para si, de uma imagem de outrem. O próprio exemplo do desamparo, que o impeliu à busca de alguma perspectiva de singularidade. Nem que fosse para apagar qualquer vestígio de seu próprio envoltório.

55

Novo Balint, uma semana depois

Prometeu já havia morrido e eu (Gilda Kelner) não sabia, tive que faltar ao hospital, por um problema de saúde.

Novo Balint, uma semana depois

Hércules (cirurgião)

Trabalho com queimados graves há mais de vinte anos. Os queimados por suicídio se recuperam muito menos do que os que se queimam por acidente. Além

4. P. Ricoeur. *O conflito das interpretações*. Trad. Hilton Japiassu. Rio de Janeiro: Imago, 1978.

disso, os nossos suicidas ratificam seu gesto, cotidianamente. Nunca vi nada igual a Prometeu. Houve aquele movimento inicial de falar da vida, o esboço de sinais de desistência, a recuperação da vontade de viver... Ele foi tirando o time de campo de forma lenta. Quando Prometeu se deparou com a realidade, depois daquele curativo, não suportou a destruição de 92% da superfície corporal, sem orelhas, cego, a monstruosidade que seria depois... Todos os procedimentos, dolorosíssimos, o confinamento imóvel na UTI, complicações de todas as ordens, sendo incrivelmente contornadas, com a ajuda dele, com o apoio dele. A psicóloga achou que ele tinha desistido antes da desistência dele, como a mãe desistiu dele... Quando ele confirma o pacto para continuar, com o movimento dos olhos cegos, sem brilho, entubado, diante do pai, como testemunha, ratifiquei meu movimento de continuar lutando. Marquei a cirurgia, conversei muito com ele, dando todas as explicações que eu imaginava que ele precisava. Pouco antes de levá-lo para a sala de operações, eu disse: "Prometeu, vamos reconstruir seu envoltório, agora é você, em sua própria pele". Vinte e quatro horas depois, o enxerto estava integrado... fiz o tórax, braços e frente, inicialmente. As condições gerais eram estáveis. À tarde, fechou o rim, não tendo respondido a nenhuma medida terapêutica. Fiquei junto a ele, até tarde da noite; deixei-o aos cuidados do pessoal da UTI e fui para casa. Antes de sair, disse-lhe: "Prometeu, vou até em casa, descansar um pouco, mas volto amanhã cedo. O pessoal cuidará de você". Mal entrei em casa, o telefone tocou com a notícia: Prometeu morrera. Às vezes me senti figurante de um drama muito mais complexo, de outras pessoas e de outros tempos e os meus dramas, ao mesmo tempo.

Eu mesmo me estranhei. Fiquei angustiado, sem dormir, calado. Criou-se um clima tenso na UTI e na enfermaria de queimados. As pessoas dizem que faltou respeito à vontade do paciente. Será? Até onde ia minha responsabilidade no "monstro" que ele ia ficar, cego, sem orelhas, uma colcha de retalhos, sem órgãos genitais funcionantes? Será que me colocaram nessa posição de monstro? Será que minha luta, minha dedicação se transformou nisso? E o curioso é que eu me questionei esse "monstro", que eles dizem, depois que "o monstro" que Prometeu parecia morreu, desapareceu. Esse lugar não pode ficar vazio. Prometeu sempre sinalizou para mim que queria que eu lutasse, que não desistisse. Foi assim que interpretei a mensagem. Os de fora interpretam tudo com facilidade, à distância. Muito simplisticamente.

Psicóloga UQ

Já se passaram dez dias da morte de Prometeu. Foi muito difícil acompanhá-lo. Quando eu desistia, interpretando uma sinalização de desistência dele, talvez também eu precisasse me afastar de compartilhar o drama de tanta gente, de tantas catástrofes misturadas. Eram momentos que eu precisava reconstituir o meu próprio envoltório,

ARTIGOS

minha unidade. Aí eu podia reinvestir e continuar a luta. A magreza, o mau cheiro que exalava dele, de suas carnes mortas, dava-lhe a aparência de um cadáver; restava o rosto mutilado de um corpo morto. Mas o rosto tinha vida, desejos e inquietações. E, depois da entubação, eu tinha que falar por ele. Ninguém pode imaginar esta situação sem vivê-la. Quando se fez a enxertia com a própria pele, depois de suplantar tantos obstáculos, se deu o fechamento, ele não tinha condições de assumir-se com sua própria pele. Por que não morreu antes? Não sei.

Hércules (cirurgião)

Nunca me senti tão só quanto no acompanhamento de Prometeu. Na ocasião de entubá-lo, falei muito com ele e me lembro que pensei, na ocasião, que estas poderiam ser suas últimas palavras. A gente está aqui sem saber o que Prometeu pretendeu nos dizer. Por que não respondeu às medidas terapêuticas tentadas, quando tudo levaria a crer que o pior já tinha passado? Por que ele esperou que eu me retirasse? Trouxe as fotos para vocês verem. São terríveis, não são? [Mostrando fotos de outros pacientes que se recuperaram] Vejam. Eu não sou lunático. Estou com uma gastrite medonha.

Dr. Niemeyer

57

Acho, Hércules, que você fez o que devia fazer, e com muita garra. Você não se permitiu pensar em tudo isso antes de Prometeu morrer, porque seria um risco de você desistir diante de múltiplos ataques externos, junto com o encaminhamento de um caso tão massacrante. Volto à questão do paradoxo em Prometeu. Quando se achava que ele não ia mais morrer, ele morreu. No dia em que Prometeu foi entubado, fiquei com uma ferida na boca e não conseguia falar. E eu trabalho com a palavra. É impressionante! Logicamente que há coisas minhas, mas a interação com o sofrimento dele e da equipe se refletiu no meu corpo, muitas vezes. Outro fato curioso, que vocês não sabem, é que a família se chateou comigo quando tentei dar limites a eles e a madrasta de Prometeu ficou pensando, o tempo todo, que eu era muito prepotente porque seria filho de um neurocirurgião célebre, meu homônimo. As misturas de sempre, que eu nem me preocupei em desmentir. Se vocês dizem que este foi o paciente mais desamparado que vocês conheceram e que mais amparo recebeu na Unidade de Queimados, penso que foi um amparo durante um período muito curto de sua vida, o período pós-suicídio. Recordo-me de um paciente de Joyce McDougall. Ele morreu e, segundo o ritual europeu, passou alguns dias para ser enterrado. Quando foram registrar, na lápide, o tempo de vida da pessoa, colocaram a data da morte como sendo a data do nascimento e a data do sepultamento como sendo a data da morte. Portanto, ele teria vivido só uns poucos dias. Tenho uma sensação análoga com respeito a Prometeu.

Gilda Kelner

Uma das teorias de desamparo o pontua como o reconhecimento da perda de um pai protetor, da constatação de um pai humilhado.

E a posição masoquista se caracterizaria pelo horror do sujeito diante do desamparo, de tal forma que ele faz um pacto com o outro, onde ele vai ocupar uma posição de servidão, contanto que seja protegido da angústia do desamparo. O sujeito masoquista suportaria tudo, desde que tivesse a proteção desejada. E a depressão moderna talvez seja o produto direto desta posição de servidão.

Parece que Prometeu se submeteu ao cirurgião, quase servilmente, concordando serenamente com todos os procedimentos. Ele se entregou ao cirurgião como quem se entrega ao álcool e às drogas, provocando este comportamento tão paradoxal de Prometeu, considerando seu corpo mutilado e em chagas. É como se esta postura fosse de uma certa identificação divina, tanto resignado ao sofrimento quanto disposto a lutar.

É possível que Hércules tenha acreditado nessa interação com um certo “quantum libidinal” a mais do que poderia, já que Prometeu não iria conferir a ninguém um papel que não conseguiu do seu pai.

Talvez Hércules, quando se perguntou, pensando alto, se Prometeu teria enganado a todos, estivesse sentindo isso, sem o saber.

E talvez o Dr. Niemeyer, ao se referir sempre aos paradoxos, estivesse se deparando com uma das tentativas de saída da depressão moderna, os estados-limite, fronteiriços, forma de organização psíquica onde existe uma grande fragilidade identificatória e similaridades com o jogo perverso e um fundo masoquista fundamental, como destacou Joel Birman.

A inquietação decorrente deste confronto resultou nessa contratransferência aqui relatada.

Por outro lado, não se tem o direito de nadificar o outro, escudados por um discurso de proteção do paciente. A verdadeira liberdade, segundo Octávio Paz, se resume à possibilidade de pronunciar dois monossílabos: SIM e NÃO. Ao tentar tornar tendenciosas as duas vias de mensagens, a de quem manda (Prometeu) ou a de quem recebe (cirurgião e equipe), pode se anular valores como fraternidade, compaixão, esperança, possibilidade de futuro. Não que essas mensagens sejam invioláveis à reflexão crítica externa, mas, às vezes, um *outsider*, alguém que está no lugar de espectador de fora de uma unidade fechada, como a UTI, longe do sofrimento do paciente, que é o maior de todos, e da equipe, se permite um discurso “condenatório e, ao mesmo tempo, calmante”.

Neste círculo complexo, quem menos teria o direito de querer se acalmar é o que está mais longe da cena, na posição mais cômoda de todas. Como escreveu Eluard, “não convém ver a realidade tal como eu sou”.

Não se pode nem se deve fugir às críticas. Aliás, para estabelecer uma “verdade científica”, se deve criticar tudo. “Sem essa vigilância maléfica, não assumiremos jamais uma atitude verdadeiramente objetiva”⁵. Mas sempre há que pontuar de qual lugar estamos falando.

O fogo é um paradoxo em si. Brilha no Paraíso e abrasa no Inferno. É um deus tutelar e terrível, bom e mau.

Prometeu rouba o fogo dos deuses e o transporta num bastão oco. Ele seria um benfeitor da humanidade. Zeus se vinga na punição a Prometeu. Acorrenta-o a um rochedo e um abutre; diariamente, vem devorar-lhe o fígado, que se regenera.

Prometeu, o transgressor, teria roubado o fogo do céu, impelido pela libido, por um desejo de igualar-se aos deuses. O desejo de livrarem-se (ele e todos os mortais) do desamparo, da falta, do vazio. Um herói do gozo e da transgressão.

Mas Freud aponta para a renúncia ao gozo, que consistiria em extinguir o fogo. Prometeu se converteria, então, no herói da renúncia.

O fogo, desde a Antiguidade, é o símbolo da paixão amorosa, da libido. Segundo Freud, “... o calor que o fogo irradia provoca a mesma sensação que acompanha o estado de excitação sexual, e a chama, com sua forma e movimento, recorda o falo em atividade”⁶.

Cito Laplanche: “O herói Prometeu lançado à conquista do fogo no céu, escalando o Olimpo, transgredindo o interdito das potências superiores, arrebatando em glória a tocha celeste, punido na medida da própria exorbitância (...) nada subsiste dessa magnífica tragédia (...) Prometeu, herói da reapropriação do divino, num movimento de alienação e depois de reintegração trágica desses atributos divinos.”⁷

Prometeu foi punido pelo que ele não pecou. No entanto, foi depois libertado por Hércules, que mata o abutre. Hércules viria reparar e compensar a ação de Prometeu. Anteriormente, Hércules já havia abatido a Hidra de Lerna criando estratégias para dominar aquele monstro aquático, cujas múltiplas cabeças renasciam incessantemente, a não ser que lhe cortassem todas de uma só vez, de um só golpe. Hércules chega a dominá-la por meio de flechas em chamas, vendo-se, pela primeira vez, a água ser vencida pelo fogo.

Bachelard distingue dois fogos: o fogo domesticado, civilizado e o fogo devorador, destruidor. Desta oposição entre estes dois fogos, surgem dois heróis, Prometeu e Hércules; o primeiro, herói antilibidinal; o segundo, herói libidinal. Um que tenta roubar o fogo, mas não consegue ser vencedor por si próprio. Da punição,

5. G. Bachelard. *A psicanálise do fogo*. Trad. Paulo Neves. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

6. S. Freud. “A aquisição e o controle do fogo”. *ESB*, vol. XXII. Rio de Janeiro: Imago, 1969.

7. J. Laplanche. “Fogo e sublimação”, in *Problemáticas III: a sublimação*. Trad. Álvaro Cabral. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

é salvo por Hércules, que abate o monstro da água (a Hidra) pelo fogo, pela chama do desejo, transformando em trabalho, sublimado.

Trata-se de uma relação muito complicada, cujos desdobramentos, envolvendo terceiros, os remetem a profundezas não suficientemente exploradas e defendidas por ataques muito eficientes, principalmente porque o “não saber” destes terceiros, camuflados por uma opinião vigorosa destes, os fazem sentir-se maniacamente seguros, garantidos contra o sentimento da dúvida.

Mentira, verdade, certeza, dúvida, sentimentos que nos percorrem alternadamente no cotidiano.

Alizade chama a atenção que “... o saber, em suas vicissitudes, desenha espaços por onde circulam a ignorância, a mentira, a lucidez implacável, a aceitação, a relatividade”⁸. E eu acrescento: os interlocutores acionados precisam atender a estas demandas de acordo com as necessidades do sujeito, na sua ânsia de um saber adequado e de uma “ignorância necessária”. A realidade desprazerosa pode ser driblada de várias formas, de tal sorte que quando alguém se coloca profissionalmente como interlocutor tem que tomar sérias precauções para conviver com este “informe oculto”, patrimônio do sujeito, cuja inviolabilidade é defendida sem limites. Do outro lado, a responsabilidade profissional e a imprescindibilidade dos esclarecimentos, para tomar providências subseqüentes.

Prometeu e Hércules estiveram neste fogo cruzado, convivendo com verdades e mentiras de ontem, de hoje e de amanhã, envolvendo terceiros, cujos “informes ocultos” vieram à tona, sem possibilidade de domínio, de controle.

Resumos

Se describe el seguimiento de un enfermo internado en la Unidad de Terapia Intensiva de un grande hospital de emergencia, acompañado en un grupo BALINT.

Se trata de un suicida, tendo ponido fuego a si propio y comprometiendo 92% de su superficie corporal.

Se reflece sobre el grande sufrimiento del paciente e de la equipo de salud que lo sostenia y el apoyo que el grupo BALINT ha podido ofrecer.

Palavras-chave: Psicoanálisis, catástrofe, representación, hospital

Nous avons suivi l'évolution d'un enferme à l'Unité de Thérapie Intensive d'un grand hôpital d'urgence, pendant quarante deux jours, dans l'activité d'un group BALINT.

8. A. Alizade. *Clínica con la muerte*. Buenos Aires: Amorrortu, 1995.

ARTIGOS

C'était un suicidé que se tué avec le feu, qui a compromis 92% de la surface corporelle.

Nous avons réfléchi sur le grans martyre du patient and le souffrance de l'équipe de santé soingnante et aussi l'aide qui le group BALINT a ofris.

Mots clés: Psychoanalyse, catastrophe, représentation, hôpital

We have followed, in a BALINT group of a big casualty hospital, the evolution of a suicidal young male patient, who exposed himself to fire and involved 92% of his body surface.

We have considered patient and staff's angushes and the support the BALINT group could offer.

Key words: Psychoanalysis, catastrophe, representation, hospital